

IMPLICAÇÕES PARA O LAZER A PARTIR DE UMA REVISÃO DOS CONCEITOS BÍBLICOS DO *SABBATH* DECANSO¹

Paul Heintzman

Universidade de Ottawa/Canadá

pheintzm@uottawa.ca

Marcos Gonçalves Maciel

Universidade do Estado de Minas Gerais/Brasil

marcos.maciel@uemg.br

Saulo Neves de Oliveira

Prairie College, Three Hills, Alberta/Canadá

saulo.nevesdeoliveira@prairie.edu

Envio original: 14-09-2020. Aceitar: 29-09-2020. Publicado: 27-11-2020.

Resumo

Este artigo enfoca dois elementos bíblicos relevantes para uma compreensão bíblica do lazer: o princípio do *Sabbath* e o conceito de descanso. O *Sabbath* e o descanso não podem ser considerados lazer, mas fornecem material para desenvolver uma compreensão cristã do lazer. Eles ilustram que uma compreensão bíblica do lazer abrange tanto um ritmo de vida (uma dimensão quantitativa do lazer) quanto a qualidade de vida que Deus oferece aos humanos (uma dimensão qualitativa do lazer).

Palavras-chave: Sabbath, Descanso, lazer, trabalho, bíblico.

Implicaciones para el ocio de una revisión de los conceptos bíblicos de sábado y descanso

Resumen

Este artículo se centra en dos elementos bíblicos relevantes para una comprensión bíblica del ocio: el principio del sábado y el concepto de descanso. El sábado y el descanso no pueden equipararse al ocio, sino a proporcionar material para desarrollar una comprensión cristiana del ocio. Ilustran que una comprensión bíblica del ocio abarca tanto un ritmo a la vida (una dimensión cuantitativa del ocio) como la calidad de vida que Dios ofrece a los seres humanos (una dimensión cualitativa del ocio).

Palabras clave: Sábado, descanso, ocio, trabajo, bíblico.

¹ Tradução realizada por Saulo Neves de Oliveira, revisão técnica feita por Marcos Gonçalves Maciel. Fonte original: Heintzman, P. (2006). Implications for leisure from a review of the biblical concepts of Sabbath and rest. In P. Heintzman, G.E. Van Andel, & T.L. Visker (Eds.), *Christianity and leisure: Issues in a pluralistic society* (Rev. ed., pp. 14-31). Sioux Center, IA: Dordt College Press.

Implications for leisure from a review of the biblical concepts of *sabbath* and rest

Abstract

This paper focuses on two biblical elements relevant to a biblical understanding of leisure: the principle of the Sabbath and the concept of rest. Sabbath and rest cannot be equated with leisure but provide material to develop a Christian understanding of leisure. They illustrate that a biblical understanding of leisure encompasses both a rhythm to life (a quantitative dimension of leisure) and the quality of life which God offers humans (a qualitative dimension of leisure).

Keywords: Sabbath, rest, leisure, work, biblical.

Introdução

A Bíblia sabe nada sobre um problema de lazer" ... O ponto de partida geral da Bíblia é que é "loucura" (pecaminoso) estar ocioso entre o amanhecer e o pôr-do-sol ... Em consequência, não podemos esperar qualquer orientação explícita vinda da Bíblia sobre o correto uso do lazer (Richardson, 1952, p.51).

Acredito que Alan Richardson está certo em afirmar que a Bíblia não nos oferece uma explícita orientação em relação ao lazer. Entretanto, acredito que ele esteja errado ao retratar a vida de uma pessoa vivendo no mundo bíblico como a de alguém preocupada com trabalho. O estilo de vida hebreu, que incluía a observância do *Sabbath* e a noção de vida abençoada na terra, sugere que a vida não se resumia a trabalho. E, embora não haja uma teologia do lazer totalmente desenvolvida na Bíblia, existem inúmeros elementos bíblicos que podem nos guiar em nosso entendimento do lazer.

O presente artigo tem foco em dois elementos bíblicos relevantes para um entendimento bíblico do lazer: o princípio do *Sabbath* e o conceito de descanso. Esses elementos bíblicos não podem ser igualados ao lazer; entretanto, eles oferecem material para elaborar um entendimento cristão de lazer. Os elementos do *Sabbath* e do descanso serão desenvolvidos para ilustrar que o entendimento de lazer engloba um ritmo de vida (que inclui uma dimensão quantitativa do lazer) e a qualidade de vida que Deus nos oferece (uma dimensão qualitativa do lazer).

O *Sabbath*

O princípio do *Sabbath* é mais central à vida israelita do que qualquer outra instrução do Velho Testamento. O Mandamento do *Sabbath* é não somente mais longo que

qualquer outro mandamento no Decálogo, como também é reformulado e discutido ao longo da escritura. Minha discussão do *Sabbath* partirá da narrativa da Criação para então traçar através da Escritura o ensino sobre esse princípio. A partir desse material, meu esforço será o de extrair alguns princípios gerais, que sejam aplicáveis e relevantes ao lazer.

A narrativa da criação

Na narrativa da criação em Genesis, o trabalho levou seis dias; então Deus descansou de seu labor no sétimo dia. Houve distinção entre seis dias de trabalho e o sétimo dia de descanso.

Na narrativa da Criação, a palavra “*Sabbath*” (*sabbat*) não aparece, mas a raiz (*sbt*), da qual *Sabbath* deriva, é encontrada ao final da narrativa, em Genesis 2:2,3.

No sétimo dia, Deus havia concluído o trabalho que esteve fazendo; assim, no sétimo dia ele descansou de todo seu trabalho. E Deus abençoou o sétimo dia e o fez santo, porque nesse dia, Ele descansou de todo o trabalho de criação que Ele havia feito.

A narrativa da criação encerra com um foco em Deus: Deus abençoando o sétimo dia, Deus fazendo santo o sétimo dia, e Deus descansando de seu trabalho. Qual a significância do Deus descansando? O comentário sobre o descanso de Deus em Gen. 2:2,3, é enriquecido por Êxodo 31:17, onde lemos ... porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, e no sétimo dia Ele se absteve do trabalho e descansou². O ponto importante aqui é que Deus parou e descansou. Deus é um Deus cuja natureza é realmente de descanso.

A narrativa da criação sugere que não somente que Deus é um Deus cuja natureza é de descanso, mas que descanso é também um componente essencial da natureza humana. A narrativa da criação apresenta o primeiro dia de vida completo da humanidade como um dia de descanso, um dia para descansar com Deus e para refletir sobre o trabalho de Deus na criação. Somente após esse dia inteiro de descanso que os humanos se voltam ao seu trabalho. Claus Claus Westermann escreve:

O objetivo da criação e, ao mesmo tempo, de tudo que a precede, é o *Sabbath* de Deus como evento de liberdade, descanso e alegria, em que o homem também é convocado a participar. É um evento de descanso divino diante do cosmos que se completa com a criação do

² N.T. Exceto nas passagens onde há a indicação explícita, utilizamos a versão Almeida Revista e Atualizada para a citação direta dos textos Bíblicos.

homem – um descanso que tem precedência sobre toda a avidez e entusiasmo do homem por iniciar seu trabalho a fazer. O homem é criado para participar desse descanso (1958: 98).

Assim, a partir do descanso de Deus no sétimo dia, vemos não somente um ritmo de vida em que há uma pausa em sete dias, mas também uma qualidade da vida caracterizada por descanso.

Êxodo 16

Antes de Êxodo 16, que descreve os regulamentos para os israelitas se reunirem e prepararem o maná enquanto peregrinavam no deserto, não há qualquer outra menção da palavra “*Sabbath*”, nem mesmo referências à guarda do *Sabbath* na Bíblia. A cada dia, enquanto os israelitas estavam no deserto, Deus provia um novo suprimento de maná; a cada dia tinha de ser recolhido de novo, pois o maná do dia anterior apodrecia e cheirava mal. Mas no sexto dia, Deus enviava um suprimento duplo de maná. Obedecendo à instrução do Senhor, Moisés instruiu o povo: “Isto é o que disse o Senhor: ‘Amanhã é repouso, o santo sábado [*Sabbath*] do Senhor; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar separai, guardando para a manhã seguinte.’” (16:23). O que foi guardado para o sétimo dia “não cheirou mal, nem deu bichos.” (16:24).

Mesmo assim, alguns do povo saíram no sétimo dia para coletar seu maná, porém somos informados de que eles “não o acharam” (16:27 ARA³). Esse comentário, escreve Hans Walter Wolff, é “quase que uma crítica humorada do nosso incansável, excessiva devoção ao trabalho...” (1972: 73). O trabalho no sétimo dia é ridicularizado como tolo, pois seus resultados são nulos; falha em reconhecer que Deus fornece o que é necessário. Êxodo 16, então, relativiza o trabalho da humanidade – um dia em cada sete deve ser reservado para descanso. Isso é possível porque é Deus quem providencia o que é necessário para viver.

A Lei Mosaica e o Mandamento do *Sabbath*

³ N.T. Versão Almeida Revista e Atualizada.

O mandamento do *Sabbath* é encontrado em todos os relatos da Lei mosaica (Êxodo 20: 8-11, 23:12, 31: 12-17, 34:21, 35: 1-3, Levítico 19: 3, 23: 1-3, 26: 2, Deuteronômio 5: 12-15). Em meu exame desse material, duas questões precisam ser consideradas. Primeiro, que razões são dadas para se observar o *Sabbath*? Segundo, como o *Sabbath* deve ser observado?

Por que o *Sabbath* deve ser observado? Em seu artigo sobre o “*Sabbath*” no Theological Wordbook of the Old Testament [Livro Teológico do Velho Testamento], Hamilton (1980) identifica quatro motivos dados na Lei mosaica para a observância do *Sabbath*. Vamos examinar cada uma dessas motivações.

A analogia de Deus descansando

Em Êxodo 20:8-11, encontramos a primeira razão apresentada para a observância do dia de *Sabbath*: a analogia de Deus descansando ao final do relato da criação:

Lembra-te do dia de sábado [*Sabbath*], para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado [*Sabbath*] do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado [*Sabbath*] e o santificou.

Com base em Seu próprio ritmo de seis dias de atividade e um de descanso, Deus abençoa e santifica o dia de *Sabbath* para Israel; o modelo é seis dias de trabalho e um *Sabbath* do sétimo dia (ver v. 9). Qual é a significância dessa motivação para a observância do *Sabbath*? Primeiro, o apelo ao relato da Criação no mandamento do *Sabbath* demonstra que o ritmo dos seis dias de atividade de Deus e um de descanso deve ser o padrão para um ritmo de seis dias de trabalho e um de descanso na vida humana. Richardson escreve: “Nosso ritmo humano de trabalho e descanso é uma refração daquela imagem de Deus na qual fomos feitos” (1952: 53-54).

Segundo, o apelo ao relato da criação sugere que a observância do *Sabbath* deve ser caracterizada por uma certa atitude ou postura diante de Deus. Ao lembrar que Deus descansou no sétimo dia, o israelita, no ato do descanso sabático, “experimentou seu Deus como um Deus cuja própria natureza era de descanso” (Johnston 1983, 95). Além disso, o *Sabbath*, conforme descrito aqui em Êxodo 20:11, “é um convite para se alegrar na criação

de Deus e reconhecer a soberania de Deus ao longo do tempo” (Hamilton 1980, p. 903). Abram Heschel escreve: Observar o sétimo dia... é celebrar a criação do mundo e criar o sétimo dia novamente, a majestade da santidade no tempo, ‘um dia de descanso, um dia de liberdade’, um dia que é como ‘um senhor e rei de todos os outros dias’ (1966, pp. 19-20).

Assim, o *Sabbath* não era primariamente para fins restaurativos, mas tempo para ser visto simplesmente como o tempo de Deus, um tempo para considerar Deus e seus propósitos. O *Sabbath* era um tempo para os israelitas reconhecerem que a vida era um presente de Deus e não apenas o resultado do trabalho humano. Como tal, o *Sabbath* qualificou o mundo de trabalho do israelita, colocando os seis dias de trabalho de uma pessoa na perspectiva adequada. Êxodo 20:11, sugere que o dia de descanso relembra vigorosamente os humanos, uma vez a cada sete dias, que eles vivem em um mundo que contém não apenas tudo o que alguém precisa, mas também muitas outras coisas para desfrutar. “Assim, o *Sabbath*, que encerra a semana, torna-se para Israel um convite para entrar e se regozijar nas bênçãos da criação” (Dumbrell, 1984: 35).

Em suma, o apelo à teologia da criação em Êxodo 20:11, sugere duas dimensões para a observância do *Sabbath*. Quantitativamente, o *Sabbath* deve ser uma pausa dos outros seis dias de trabalho. Qualitativamente, o *Sabbath* é um convite para experimentar Deus como um Deus cuja própria natureza é de descanso e, também para se alegrar e celebrar na criação de Deus.

A lembrança da libertação do Egito

Embora os Dez Mandamentos registrados em Êxodo 20, sejam quase iguais ao relato deles em Deuteronômio 5, o mandamento do *Sabbath* é uma exceção notável. Um motivo diferente para a observância do *Sabbath* é encontrado no relato deuteronômico do Decálogo, onde o mandamento do *Sabbath* está ligado à libertação de Deus dos israelitas da escravidão no Egito:

Guarda o dia de sábado [*Sabbath*], para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado [*Sabbath*] do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro das tuas portas para dentro, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado [*Sabbath*]. (Deuteronômio 5: 12-15)

Nesse relato, a razão para guardar o dia de *Sabbath* é a afirmação de que Yahweh liberou e libertou Israel da escravidão no Egito. Como tal, o "*Sabbath* era uma lembrança de que Israel descansou em última instância na graciosidade de Deus" (Johnston 1983: 89). É a redenção do Êxodo que torna possível a nova vida na terra e, portanto, o descanso edênico. Sem a atividade redentora de Deus, a noção original do descanso sabático é impossível. No entanto, a expectativa de "descanso" não foi realizada na experiência de Israel e, finalmente, Israel foi exilado da terra. A Epístola aos Hebreus (4:8-10) nos lembra que, embora Israel não tenha entrado nesse descanso, ainda existe um descanso sabático para os crentes que é um cumprimento do propósito da criação.

À luz do fato de que Israel não entrou no descanso prometido, é interessante notar, como Johnston aponta, que o relato deuteronomico posterior muda "de um foco em Deus para uma ênfase mais forte na necessidade humana pelo alívio da realidade opressora de muito trabalho" (1983, p. 90). A palavra hebraica *shamor* ("observe o dia de *Sabbath*") tem uma conotação ética definida em comparação com a palavra hebraica *zachor* ("lembrando-se do *Sabbath*") que é encontrada em Êxodo 20:11. Além disso, a versão deuteronomica do quarto mandamento inclui a justificativa ética "para que o teu servo e a sua serva descansem como tu" (5:14). Aqui está uma ênfase humanitária. A necessidade de se abster da labuta humana no *Sabbath* para benefício humano é enfatizada na frase "descansem como tu". Como tal, o *Sabbath* é também para descanso humano, restauração e recreação.

O *Sabbath* como uma ordenança humanitária

Uma terceira motivação para a observância do *Sabbath*, uma motivação humanitária a qual já observamos em Deuteronomio 5:14-15, é mais claramente declarada em Êxodo 23:12: "Seis dias farás a tua obra, mas, ao sétimo dia, descansarás; para que descance o teu boi e o teu jumento; e para que tome alento o filho da tua serva e o forasteiro". Nesse versículo, o único propósito dado para o dia de descanso é que os trabalhadores dependentes e os animais domésticos experimentem descanso e recuperação. A palavra "alento", que é usada para descrever o estrangeiro ou o escravo nascido em uma família israelita, é exatamente a mesma palavra que é usada para descrever o descanso de Deus no sétimo dia em Êxodo 31:17. De acordo com Êxodo 23:12, então, o *Sabbath* era

especialmente para o benefício daqueles que estavam severamente sobrecarregados com trabalho e estavam sob as ordens de outros.

A implicação desse motivo humanitário para a observância do *Sabbath* é que todos os membros da sociedade devem trabalhar e descansar. Como Gerhard Hasel aponta, o *Sabbath* nos lembra “a ênfase social na igualdade de todos os seres humanos (pessoas livres e servos) sob Deus” (1983: 194). Assim, a visão bíblica não dá suporte a uma estruturação social como na Grécia dos dias de Aristóteles, quando os escravos possibilitavam que alguns tivessem uma vida de lazer, nem apoia uma classe ociosa que viva uma vida de consumo conspícuo às custas de uma classe trabalhadora, como é descrito em Thorstein Veblen, *The Theory of the Leisure Class* (1934). A motivação humanitária para o *Sabbath* sugere que todos têm direito a uma pausa do trabalho e, portanto, ao lazer, pelo menos em um sentido quantitativo.

O *Sabbath* como um sinal da aliança

A quarta motivação para a observância do *Sabbath* é que ele é um sinal da aliança: “Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábad[o] [*Sabbath*], celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento” (Êxodo 31: 16-17).

Nesta passagem, o *Sabbath* não é apenas um sinal da aliança, mas é em si mesmo chamado de aliança. A observância do *Sabbath* também é considerada o sinal da lealdade de Israel a Deus em Êxodo 31:13. O *Sabbath* devia ser observado não apenas dentro do contexto de um relacionamento com Deus, mas era um sinal desse relacionamento.

Que implicações esta motivação da aliança para a observância do *Sabbath* tem para o nosso estudo do lazer? Embora alguns benefícios possam advir da observância de um dia de descanso em sete, o lazer como o *Sabbath* pode encontrar seu verdadeiro significado e atingir seu potencial máximo quando alguém vive em relacionamento com Deus.

Como o *Sabbath* deve ser observado?

Na aliança mosaica, o descanso sabático é uma questão de regulamentações detalhadas. Todo trabalho é proibido e o que constitui trabalho é delineado com grande

precisão. O *Sabbath* deveria ser guardado por todos a cada sete dias. As referências à família, servos, e todos os outros membros da casa hebraica, animais e peregrinos listados em Êxodo 20:10, e Deuteronômio 5:14, garantem que ninguém sobre quem o homem israelita tivesse autoridade teria que trabalhar; portanto, todos seriam capazes de descansar do trabalho.

Não é apenas o trabalho laborioso que é proibido, como é o caso em muitos dos dias sagrados; no *Sabbath* “nenhuma obra fareis” (Levítico 23:3, compare com “nenhuma obra servil fareis” de Levítico 23: 7,8,21,23,35,36; Números 28:18,25,26; 29:1,12,35). A coleta de alimentos, o acendimento de fogueiras e a coleta de lenha são todas proibidas (Êxodo 16:25-30; 35: 1-3; Números 15:32-26). A frase em Êxodo 34:21, “quer na aradura, quer na sega”, enfatiza que mesmo na época mais movimentada do ano em uma sociedade agrícola, o *Sabbath* deveria ser guardado. Especialmente em tais tempos tão ocupados, os humanos precisavam de um dia de descanso.

Em Êxodo 34:21 (ARA) se encontra um resumo de como o *Sabbath* deveria ser observado: “Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás”. A legislação sabática declarava que a vida era melhor vivida em um ritmo em que todas as pessoas trabalhassem e depois se abstivessem de trabalhar. Nesse sentido, o *Sabbath* era uma quantidade de tempo em que nenhum trabalho era realizado. Da mesma forma, o lazer pode ser entendido quantitativamente como um período de tempo em que nenhum trabalho é realizado.

Foi o *Sabbath* apenas uma quantidade de tempo em que nenhum trabalho era realizado? O *Sabbath* é enumerado entre as festas sagradas, “as festas fixas do Senhor” (Levítico 23:1-3). O *Sabbath* e a adoração estão ligados pelo mandamento conjunto dado em Levítico 19:30, e em 26:2: “Guardareis os meus sábados [*Sabbath*] e reverenciareis o meu santuário”. O *Sabbath* era um dia de adoração e um dia de descanso do trabalho. No entanto, o descanso era em si uma expressão de adoração; nenhuma distinção era feita entre descanso e adoração – descansar era adoração. Assim, o Antigo Testamento ensinava que o *Sabbath* devia ser observado não apenas pela cessação do trabalho, mas também por um descanso que era da natureza da adoração.

Os Profetas e o *Sabbath*

As declarações dos profetas sobre o *Sabbath* somente aplicam o que já tinha sido revelado no Pentateuco. Embora os profetas falassem criticamente das práticas que ocorriam no *Sabbath*, eles não condenavam o *Sabbath* em si, mas sim um mau uso do *Sabbath*. Os profetas também mencionaram as bênçãos que decorrem de uma observância correta do *Sabbath*.

Por exemplo, Isaías condenou a observância ritualística do *Sabbath* em seus dias (Isaías 1:12,13) e em uma passagem clássica descreve o que decorre de uma verdadeira observância do *Sabbath*:

Se desviares o pé de profanar o sábado [*Sabbath*] e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado [*Sabbath*] deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor (Isaías 58:13,14).

Amós, que lutou apaixonadamente contra os muitos abusos no culto sacrificial (Amós 4:4; 5:21), julgou os negociantes de grãos que não podiam esperar o *Sabbath* acabar para que pudessem vender seu trigo e enganar o povo por meio de “diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras” (8: 5). O mau uso do *Sabbath* também foi condenado por outros profetas que interpretaram a destruição de Jerusalém e o subsequente exílio dos israelitas como parcialmente resultado da profanação do *Sabbath* (Jeremias 17:27; Ezequiel 20:23-25).

Concluindo, as palavras dos profetas contradizem a inclinação da humanidade de tornar a vida segura ou aumentar a abundância da vida por meio de um trabalho contínuo e ininterrupto. Ainda, o *Sabbath* sugere que “a vida humana tem um significado mais elevado do que ser meramente uma luta pela existência” (Wolff, 1972: 73). Trabalho deve ocupar apenas seis dias da semana. Trabalho no sétimo dia não é apenas desnecessário, mas também proibido. Portanto, há um ritmo para a vida – seis dias de trabalho e um de descanso.

Jesus e o *Sabbath*

Jesus demonstrou um ritmo de trabalho e descanso e ensinou seus discípulos a descansar: “Vinde repousar um pouco” (Marcos 6:31). Além disso, o ensino de Jesus sobre o *Sabbath* confirmou a autoridade e a validade da lei do Antigo Testamento. Mas, em várias

ocasiões (Mateus 12: 1-14; Marcos 2:23-28, 3:1-5; Lucas 6:1-11, 13: 10-17, 14: 1-6; João 5:9-18, 9:1-14), ele reagiu contra os fariseus que sufocaram o espírito do ensino sabático com sua tradição oral e escrita restritivas. Nessas ocasiões, Jesus colocou as necessidades humanas acima da conformidade externa formal com a legislação do *Sabbath*. Não era errado colher e comer grãos no *Sabbath*, nem era ilegal realizar obras de misericórdia ou curar no *Sabbath*. Ainda, Jesus nunca fez ou disse qualquer coisa que indicasse que ele pretendia abolir o *Sabbath* junto com o relaxamento e outros benefícios que esse dia de descanso oferece. A ênfase de Jesus estava em guardar o espírito da lei e não apenas na observância externa da lei (Mateus 5:17-48). Jesus explicou o verdadeiro significado do *Sabbath* ensinando que este “foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado [*Sabbath*]” (Marcos 2:27).

O ensino de Jesus sobre o *Sabbath* sugere que o lazer é mais do que quantitativo; ele também tem uma dimensão qualitativa. O dia de descanso do *Sabbath*, um em sete, não é apenas um dia de inatividade. Não é apenas um período de tempo, mas um tempo reservado para os humanos, um tempo para trazer cura e plenitude. O mesmo pode ser dito sobre o lazer. Lazer não é apenas um segmento quantitativo da vida, mas uma qualidade da vida intimamente relacionada à totalidade e plenitude.

A Igreja do Novo Testamento e o *Sabbath*

Os primeiros cristãos, como judeus fiéis, adoravam todos os dias no templo de Jerusalém (Atos 2:46; 5:42), iam à sinagoga (Atos 9:20; 13:14; 14:1; 17:1,2,10; 18:4), e respeitavam a lei (21:20). Muito provavelmente, os primeiros cristãos judeus também guardavam o *Sabbath*. Na epístola aos Colossenses (2.17), o *Sabbath* deve ser entendido como “sombra das coisas que haviam de vir; porém, o corpo é de Cristo”. Como será discutido em mais detalhes na próxima seção, o escritor de Hebreus descreve o *Sabbath* como um tipo de “descanso de Deus” – “um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas” (Heb. 4:9-10) e o escritor os exorta a que “esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso” (4:11). Romanos 14:5,6, parece implicar que um dia não é mais sagrado ou especial do que outro. No entanto, em nenhum lugar do Novo Testamento é declarado que o mandamento do *Sabbath*, incluindo a proibição de trabalhar no *Sabbath*, foi abolido.

Stevens (2001: 217) comenta que “alguma forma de *Sabbath* não é um extra opcional para o cristão do Novo Testamento”.

Resumo sobre o *Sabbath*

Ao concluir nossa discussão sobre o *Sabbath* bíblico, vamos revisar três princípios gerais que são aplicáveis à nossa discussão sobre lazer. Primeiro, o *Sabbath* nos lembra da igualdade social de todos os seres humanos sob Deus. Todos os que trabalham e labutam, especialmente aqueles sobrecarregados pelo trabalho, têm direito a um dia de descanso em sete (Êxodo 20:10; 23:12; Deuteronômio 5:14-15). Assim, uma sociedade na qual alguns membros desfrutam de uma vida de lazer baseada no trabalho contínuo de muitos é inconsistente com o ensino das Escrituras. Todos têm direito ao lazer, pelo menos em sentido quantitativo ou de tempo livre. Do ponto de vista bíblico, a ênfase na igualdade social encontrada na legislação do *Sabbath* parece negar qualquer tentativa de definir o lazer em termos de uma classe de lazer.

Segundo, o *Sabbath* indica um ritmo de vida – um ritmo de trabalho e não trabalho (lazer em um sentido quantitativo). Isso foi evidenciado no relato da criação, na história do maná em Êxodo, na lei mosaica e nas palavras dos profetas. Portanto, o *Sabbath* inculcou que a vida de Israel possuía o elemento de tempo livre do trabalho. A implicação para nosso estudo é que o *Sabbath* sugere algum ritmo ou ciclo de lazer (em um sentido quantitativo) e o trabalho é necessário para o bem-estar e a integridade.

O mandamento do *Sabbath* permanece instrutivo em relação à preocupação de Deus com o descanso dos humanos. O padrão rítmico de vida, sugerido pelo *Sabbath*, pode constantemente servir de modelo para nós na modelagem e programação da vida. O grande benefício de uma estrutura sabática para a vida é fornecer um tempo especial a cada semana para a renovação física, mental, espiritual e emocional que leva a uma melhor saúde tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

Terceiro, o *Sabbath* sugere que o lazer pode ser definido em mais do que um sentido quantitativo, pois o *Sabbath* é mais do que um período de tempo, mais do que um dia em sete. No Antigo Testamento, o *Sabbath*, como um dia de abstenção de trabalho, não tem o único propósito de restaurar a força perdida da pessoa e aumentar a eficiência de seu trabalho futuro. Em vez de ser simplesmente um interlúdio entre períodos de trabalho, é o clímax da vida. Heschel descreve o *Sabbath* como “não uma data, mas uma atmosfera... um

gostinho da eternidade – o mundo vindouro” (1966: 21, 31-30). O *Sabbath* sugere a atitude para a postura básica da humanidade em relação a Deus. Argumentei a partir do relato da criação que o descanso é básico para a natureza da humanidade. Na verdade, afirmei que a intenção divina para a humanidade não é o trabalho, mas o descanso eterno simbolizado pelo descanso do sétimo dia. Assim, o objetivo principal da humanidade não é trabalhar, mas desfrutar de Deus para sempre. O apelo à Teologia da criação no relato de Êxodo do mandamento do *Sabbath* sugere que o *Sabbath* é um convite aos israelitas, no ato do descanso sabático, para experimentar seu Deus como um Deus cuja própria natureza é de descanso, e se alegrar e celebrar a criação de Deus. A legislação sabática ordenava um descanso sabático que era da natureza da adoração. O profeta Isaías descreveu o *Sabbath* como um prazer. Jesus ensinou que o *Sabbath* era um tempo para trazer cura e integridade. Todas essas evidências sugerem conclusivamente que o *Sabbath*, assim como o lazer, é mais do que um tempo de não-trabalho; tem uma dimensão qualitativa. Concluo que o *Sabbath* bíblico nos ensina que o lazer não precisa ser meramente uma cessação externa do trabalho no ritmo da vida humana, mas também pode ser uma atitude espiritual interna; o lazer atinge seu potencial máximo quando nossas vidas são vividas em relacionamento com Deus.

O conceito bíblico de descanso

O lazer é frequentemente equiparado ao conceito bíblico de descanso. Vários escritores (Dahl, 1972; Houston, 1981; Sherrow, 1984) traçam paralelos entre o lazer e a oferta de descanso de Cristo em Mateus 11:28-30. Portanto, deve ser proveitoso examinar o conceito bíblico de descanso e suas implicações em nosso estudo do lazer.

Antes de prosseguir com o exame do conceito bíblico de descanso, dois comentários introdutórios podem ser feitos. Em primeiro lugar, é natural que passemos de um exame do *Sabbath* para uma discussão da Teologia do descanso. Embora a Teologia de descanso desenvolvida no Antigo Testamento utilize terminologia diferente da usada em Gênesis 2:1-4, Dumbrell aponta que a conexão íntima “entre tal ‘descanso’ e o *Sabbath* que resumia o conceito foi sempre mantido (ver Êxodo 20:11, onde os dois conceitos de ‘*Sabbath*’ e ‘descanso’ são reunidos)” (1984: 35). A estreita ligação entre o descanso e o *Sabbath* culmina, como será explicado, no descanso sabático de Hebreus 4:9.

Em segundo lugar, a crença é expressa em toda a Bíblia de que Deus deu, ou dará, descanso ao Seu povo. Entretanto, Gerhard von Rad observa que, “entre os muitos benefícios da redenção oferecidos ao homem pela Sagrada Escritura, o do ‘descanso’ foi quase esquecido na Teologia bíblica” (1966: 94). Talvez essa negligência do conceito bíblico de descanso explique em parte o fato de que os cristãos têm uma Teologia de trabalho bem desenvolvida, mas não de lazer. A Teologia bíblica enfatizou a História da Salvação como algo distinto do reino terreno. Essa tem ignorado grande parte da revelação bíblica, incluindo a literatura de sabedoria e os salmos da natureza. A salvação foi reduzida a mera libertação, enquanto os temas significativos de bênção, terra e descanso foram ignorados.

Os Usos Teológicos do “descanso”

Vamos agora voltar nossa atenção para o conceito bíblico de descanso, primeiro examinando a raiz hebraica para descanso, juntamente com seus principais usos teológicos e, em seguida, rastreando o desenvolvimento do conceito de descanso ao longo das Escrituras. De acordo com Leonard J. Coppes, no *Theological Wordbook of the Old Testament* [Livro Teológico do Antigo Testamento], a raiz hebraica de descanso (*nuah*) “significa não apenas ausência de movimento, mas estar estabelecido em um lugar particular (seja concreto ou abstrato) com nuances de finalidade, ou (falando abstratamente) de vitória, salvação, etc.” (1980: 562). Pelo menos três usos teológicos importantes estão associados a esta raiz: um uso psicológico-espiritual (paz pessoal), um uso marcial (descanso dos inimigos) e um uso soteriológico (descanso pela salvação). Se o lazer inclui uma dimensão qualitativa, uma condição de nosso ser, então esses usos do descanso devem ter alguma relevância para nossa compreensão do lazer.

A Noção Deuteronomica de Descanso: descanso na terra

Encontramos a promessa de descanso primeiramente em Deuteronomio: porque, até agora, não entrastes no descanso e na herança que vos dá o Senhor, vosso Deus (Deuteronomio 12:9); quando, pois, o Senhor, teu Deus, te houver dado sossego de todos os teus inimigos em redor, na terra que o Senhor, teu Deus, te dá por herança, para a possuídes... (Deuteronomio 25:19).

Em Deuterônômio, o conceito de descanso é fundamentado e equivalente à posse da terra. Canaã como herança de Israel deveria ser um lugar de descanso. von Rad enfatiza que não devemos espiritualizar este conceito de descanso que foi um presente direto da mão de Deus: “[Descanso] não é paz de espírito, mas a paz totalmente tangível concedida a uma nação atormentada por inimigos e cansada de vagar” (1966: 95).

O conceito de descanso ao qual Deuterônômio frequentemente se refere está associado à noção de uma vida agradável, segura e abençoada na terra (15:4; 23:20; 28:8; 30:16). Dumbrell conecta esta vida agradável na terra com o relato da criação:

Israel desfrutará os dons da criação da maneira em que foram feitos para serem usados. Nessa teologia do descanso, estamos claramente voltando aos propósitos da criação enunciados em Gênesis 1:1-2:4a e tipificados pela narrativa do Éden, ou seja, que a humanidade foi criada para se alegrar diante da divindade e desfrutar da bênção da criação na presença divina. A noção de descanso em Gênesis 2:2 e no livro de Deuterônômio implica isso (1984: 121-122).

Em certo sentido, a promessa de descanso foi cumprida no Antigo Testamento, em termos de descanso na terra, e esse cumprimento é expresso pela primeira vez no livro de Josué:

Desta maneira, deu o Senhor a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela. O Senhor lhes deu repouso em redor, segundo tudo quanto jurara a seus pais; nenhum de todos os seus inimigos resistiu diante deles; a todos eles o Senhor lhes entregou nas mãos. Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu (Josué 21:43-45, veja também 1:13,15; 22:4).

Mais tarde, em 2 Samuel, lemos que o Senhor tinha dado descanso na terra e continuará a fazê-lo durante o reinado de Davi como rei: “tendo-lhe o Senhor dado descanso de todos os seus inimigos em redor” (7: 1). Então, veio a palavra do Senhor a Natã instruindo-o a dizer a Davi, entre outras coisas, “dar-te-ei, porém, descanso de todos os teus inimigos” (7:11b).

O cumprimento da promessa de descanso pode, ainda mais claramente, ser identificado com o tempo de Salomão. Na bênção de Salomão, que se seguiu à sua oração de dedicação do templo, ele reconheceu o cumprimento da promessa de Deus de dar descanso ao seu povo: “Bendito seja o Senhor, que deu repouso ao seu povo de Israel, segundo tudo o que prometera; nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas, feitas por intermédio de Moisés, seu servo” (1 Reis 8:56).

Assim, pode-se dizer que o descanso divinamente concedido foi experimentado pela nação de Israel durante os tempos de Josué, Davi e Salomão. No entanto, como veremos mais tarde em nossa discussão de Hebreus 3 e 4, há um sentido real em que a promessa de descanso não foi cumprida no Antigo Testamento.

A Noção de Descanso do Cronista: o SENHOR Deus descansando entre seu povo

A noção de descanso do cronista se afasta da concepção deuteronomica de descanso. “Descansar de todos os seus inimigos” torna-se um presente que Deus concede periodicamente aos reis piedosos. Não apenas Salomão é um “homem sereno” (1 Crônicas 22:9), mas Deus também concede descanso durante os reinados do Rei Asa (2 Crônicas 15:15) e do Rei Josafá (2 Crônicas 20:30). Neste mesmo livro, Salomão é agora considerado como um “homem de paz, de uma forma inteiramente nova, a característica fundamental não é que Israel obtém descanso, mas que Deus vem descansar no meio de seu povo” (von Rad 1966: 97-98). Salomão termina sua longa oração de dedicação do templo com a seguinte invocação messiânica em exaltação:

Levanta-te, pois, Senhor Deus, e entra para o teu repouso, tu e a arca do teu poder; os teus sacerdotes, ó Senhor Deus, se revistam de salvação [...] Ah! Senhor Deus, não repulses o teu ungido; lembra-te das misericórdias que usaste para com Davi, teu servo (2 Crônicas 6:41,42).

Agora, adicionado à promessa de que Israel como uma nação receberia descanso está a antecipação adicional de que Deus finalmente virá para descansar entre seu povo, Israel.

Neste ponto, vamos resumir as vertentes do complexo de ideias sobre descanso no Antigo Testamento. Uma vertente é vista em Deuteronomio, onde a terra é chamada de lugar de repouso de Israel, pois Israel deveria obter descanso de todos os seus inimigos na terra que herdaria (12:9,10; 25:19; ver também 3:20). Uma segunda linha de ideias sobre descanso sugere que Deus tem Seu lugar de descanso na terra e particularmente em Seu santuário em Sião. Essa ideia é especialmente evidente no Salmo 132:7-8, 13-14 (compare com 2 Crônicas 6:41) e Isaías 66:1. Em outro lugar, esses dois fios são unidos de modo que o local de descanso das pessoas é simultaneamente o local de descanso de Deus. Um excelente exemplo dessa síntese dos dois motivos está registrado em 1 Crônicas 23:25,

quando Davi disse: “O Senhor Deus de Israel deu repouso ao seu povo, e habitará em Jerusalém para sempre” (1 Crônicas 23:25 ACF⁴).

Descanso em Salmos 95

Outro desenvolvimento no conceito de descanso é encontrado no Salmo 95, onde o lugar de descanso das pessoas não é apenas o lugar de descanso de Deus, mas é o próprio descanso de Deus:

Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto, quando vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, não obstante terem visto as minhas obras. Durante quarenta anos, estive desgostado com essa geração e disse: é povo de coração transviado, não conhece os meus caminhos. Por isso, jurei na minha ira: não entrarão no meu descanso (Salmos 95:7-11).

“Hoje” apresenta uma nova esperança de salvação em contraste com aquela perdida por aqueles que participaram das peregrinações do deserto. Essa afirmação depende do conceito de descanso articulado em Deuteronômio, em que a nação ainda é o sujeito do descanso. No entanto, o local de descanso agora é diferente. O Senhor Deus diz: “não entrarão no meu descanso”. O lugar de descanso é o descanso de Deus. Isso se refere a um dom de descanso que Israel só alcançará por um envolvimento totalmente pessoal com seu Deus. É dessa forma que o conceito de descanso do Antigo Testamento é retomado pelo escritor aos hebreus.

Descanso em Hebreus 3 e 4

Em Hebreus 3 e 4, a palavra “descanso” (*katapausis*), que é introduzida pela primeira vez na citação do Salmo 95, em 3:11, é repetida em 3:18, e é encontrada mais seis vezes no capítulo 4. Lemos: Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas (Hebreus 4:9,10).

Aqui, o escritor de Hebreus se refere a pelo menos dois tipos distintos, mas relacionados, de descanso: (a) “um repouso para o povo de Deus” e (b) o próprio descanso de Deus no sétimo dia da criação (ver também Hebreus 4:4). Colocar esses tipos de

⁴ N.T. Versão Almeida Corrigida e Fiel.

descanso junto sugere que o descanso sabático, que permanece para o povo de Deus, é semelhante ao descanso de Deus de todas as Suas obras no final da criação (Gênesis 2:3). O descanso para o povo de Deus é agora visto como a realização da intenção de Deus na criação de conceder tal descanso à humanidade. Após a queda, os propósitos iniciais de Deus para o desfrute do descanso da humanidade se tornaram possíveis por meio de Seus atos redentores entre Seu povo. Mas o lugar de descanso na terra prometida e no templo em Jerusalém visam apenas à realização dos propósitos de Deus na criação. Agora, em Hebreus, a consumação final é descrita como um descanso celestial, o antítipo do descanso na terra prometida ao qual Salmo 95:11, faz alusão. Não há dúvida de que a consumação final desse descanso é futura, mas seria incorreto ver este descanso sabático como sendo totalmente futuro. A localização temporal do descanso em Hebreus é resumida por C. K. Barrett: “O descanso, precisamente porque é de Deus, é ambos presente e futuro” (1956: 372).

O que exatamente é este descanso sabático? Estudiosos da Bíblia o descrevem de várias maneiras. Jean Hering comenta que esse descanso “não deve invocar apenas a noção de repouso, mas também de paz, alegria e concórdia” (1970: 32). Donald Hagner (1983: 52) escreve:

O autor tem em mente as qualidades ideais do descanso sabático, a saber, paz, bem-estar e segurança – isto é, um estado de espírito que, em virtude de sua convicção e confiança em Deus, possui essas qualidades em contradição com as circunstâncias ao redor. Em suma, o autor pode muito bem ter em mente aquela paz e sensação de segurança derradeira “que excede todo o entendimento (Filipenses 4:7)”.

O Descanso em Mateus 11:28-30

De acordo com R. Hensel e C. Brown, “O conceito de descanso encontra seu desenvolvimento final e mais profundo em Mateus 11:28” (1978: 256), quando Jesus disse:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mateus 11:28-30).

Como o descanso é recebido? Esses versos, observa Edward Schweizer (1975), obviamente implicam que labuta e ocupações não levam ao descanso. Em vez disso, é

vindo à Jesus que a pessoa encontrará descanso. “O descanso é idêntico ao jugo do discipulado” (Hill 1972: 208). A partir de sua união com Jesus, Seus discípulos receberão refrigério e renovação que os capacitará a carregar suas cargas sem considerá-las pesadas ou opressivas (ver também 2 Coríntios 4:16). W. Robertson Nicoll (1900: 155) aponta que a tradução literal é “eu vou descansar você”, que significa mais do que “dar-lhe descanso”. O cristão encontra descanso para a alma pela certeza da presença do Senhor Ressuscitado.

O que é esse descanso? Primeiro, o descanso está presente. O tempo futuro – “você encontrará descanso” – indica não uma esperança futura, nem um descanso no céu, mas um descanso imediatamente disponível para todos os que seguem Jesus. Segundo, o descanso não é inatividade ou ociosidade; inclui um jugo de discipulado. Não há discipulado sem tarefa. Jesus não promete liberdade do trabalho, labuta ou fardo, mas um descanso ou alívio que tornará todos os fardos leves. R.V.G. Tasker resume:

Certamente Jesus não promete a Seus discípulos uma vida de inatividade ou repouso, nem uma vida livre de tristeza e luta, mas Ele lhes garante que, se se mantiverem perto Dele, eles encontrarão alívio de cargas esmagadoras como ansiedade paralisante, a sensação de frustração e futilidade, e a miséria de uma consciência carregada de pecado (1961: 122).

Terceiro, H.L. Ellison (1969) aponta que “descanso para a vossa alma” se refere não apenas ao ser interior, mas à totalidade da pessoa.

Resumo sobre o descanso

Ao chegarmos ao final desta discussão sobre o conceito bíblico de descanso, a pergunta a ser feita é o que tudo isso tem a ver com o conceito de lazer? Se aceitarmos a concepção clássica de lazer, que vê o lazer como uma condição de vida e um estado de ser, então para o cristão o conceito bíblico de descanso é muito descritivo do que o lazer pode ser. Embora não possamos derivar uma definição operacional de lazer de nossa discussão sobre descanso, nossa discussão fornece uma ampla variedade de pistas que são descritivas de lazer: uma vida agradável, segura e abençoada na terra, pois, como Preece observa “Nós não descansamos em uma doutrina, precisamos de um lugar para colocar os pés para cima, mas um lugar onde Deus esteja pessoalmente presente” (1981: 79); uma entrada no descanso de Deus, um descanso de completude, não inatividade, como o Criador desfrutou quando completou Suas obras; um descanso sabático de paz, alegria, bem-estar, concórdia

e segurança; um alívio e repouso de trabalhos e fardos; uma paz e contentamento de corpo, alma e mente em Deus. Embora esses elementos de descanso disponíveis por meio da comunhão com Deus sejam consumados no descanso celestial, eles são pelo menos parcialmente uma realidade presente. Esses elementos de descanso são uma forma de descrever a qualidade de vida que pode ser vista como amplificação da dimensão qualitativa do lazer.

Considerações finais

Um estudo dos conceitos bíblicos de *Sabbath* e descanso sugere que o lazer pode abranger duas dimensões – uma quantitativa e uma qualitativa: uma relacionada ao nosso fazer e a outra ao nosso ser. Primeiro, o *Sabbath* ensina um ritmo de vida – seis dias de trabalho e um de não trabalho. Segundo, o *Sabbath* inculca uma atitude espiritual para a postura básica de uma pessoa em relação a Deus – de descanso, alegria, liberdade e celebração em Deus do dom da Sua criação. Esta dimensão qualitativa da vida, descritiva do lazer, também pode ser vista no conceito bíblico de descanso, que varia de uma vida agradável, segura e abençoada na terra a uma paz e contentamento de corpo, alma e mente em Deus.

Referências

- BARRETT, C.K. (1956). The eschatology of the epistle to the Hebrews. In: D. Daube & W. D. Davies (Eds.), **The background of the New Testament and its eschatology** (pp. 363-393). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- BARTH, K. (1958). **Church dogmatics**. Vol. 3/Part 1. Edinburgh, UK: T. & T. Clark.
- COPPEL, L.J. (1980). Nuah. In: R.L. HARRIS, G.L.; ARCHER, & B.K. Waltke (Eds.), **Theological wordbook of the Old Testament**, (pp. 562–563). Chicago, IL: Moody Press.
- DAHL, G. (1972). **Work, play and worship in a leisure-oriented society**. Minneapolis, MN: Augsburg.
- DUMBRELL, W.J. (1984). **Covenant and creation**. Exeter, UK: Paternoster.
- ELLISON, H.L. (1969). **Matthew: A New Testament commentary**. London, UK: Pickering & Inglis.

HAGNER, D.A. (1983). **Hebrews: A good news commentary**. New York, NY: Harper & Row.

HAMILTON, V.P. (1980). Shabat. In: R.L. Harris, G.L. Archer, & B.K. Waltke (Eds.), **Theological wordbook of the Old Testament**, (902–903). Chicago, IL: Moody Press.

HASEL, G.F. (1983). Health and healing in the Old Testament. **Andrews University Seminary Studies**, 21(3): 191–202.

HENSEL, R.; BROWN, C. (1978). Rest. In: C. Brown (Ed.), **The new international dictionary of New Testament theology** (pp. 254–258). Grand Rapids, MI: Zondervan.

HERING, J. (1970). **The epistle to the Hebrews**. London, UK: Epworth Press.

HESCHEL, A.J. (1966). **The Sabbath**. New York, NY: Harper & Row.

HILL, D. (1972). **The gospel of Matthew**. London, UK: Oliphants.

HOUSTON, J. (1981). **The theology of work**. In: Looking at lifestyles, professional priorities. A Christian perspective. Proceedings from the Conference for Physicians and Dentists, Banff, Alberta, May 2–8, 1981: Christian and Dental Society of Canada.

JOHNSTON, R.K. (1983). **The Christian at play**. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

NICOLL, W.R. (1900). **St. Matthew: The expositor's Bible**. New York, NY: Funk & Wagnalls.

PREECE, G. (1981). Re-creation and recreation in the eighties. In: J. Diesendorf (Ed.), **Faith active in love. Proceedings of the 1980 Conference of the A.F.E.S. Fellowship**. Sydney, Australia: A.F.E.S. Graduates Fellowship.

RICHARDSON, A. (1952). **The biblical doctrine of work. Ecumenical Biblical Studies No. 1**. London, UK: S.C.M. Press.

SCHWEIZER, E. (1975). **The good news according to Matthew**. Atlanta, GA: John Knox Press.

SHERROW, J.E. (1984). **It's about time**. Grand Rapids, MI: Zondervan.

STEVENS, P. (2001). **Seven days of faith**. Colorado Springs, CO: NavPress.

TASKER, R.V.G. (1961). **The gospel according to St. Matthew. The Tyndale New Testament Commentaries**. London, UK: The Tyndale Press.

VEBLEN, T. (1934). **The theory of the leisure class**. New York, NY: The Modern Library.

VON RAD, G. (1966). There remains still a rest for the people of God. In: **The Problem of the Hexateuch and other essays** (pp. 94–102). London, UK: Oliver and Boyd.

WESTERSNANN, C. (1974). **Creation**. London, UK: SPCK.

WOLFF, H.W. (1972). The day of rest in the Old Testament. **Lexington Theological Quarterly**, 7(3): 65–76.